

O GAROTO DA CAPA: CASTRAÇÃO E GOZO NA BANCA DE REVISTAS

Marcelo Santos e Maria Ribeiro

PUC- São Paulo, Brasil. para_marcelo@yahoo.com.br; donamariaribeiro@gmail.com

RESUMO

A teoria psicanalítica de orientação freudo-lacanianiana é, sobretudo, uma teoria da linguagem, pois versa sobre elementos lógico-formais abstratos que estruturariam o inconsciente como discurso. Assumindo tal pressuposto, esse trabalho utiliza alguns conceitos psicanalíticos para analisar as capas de duas revistas graficamente semelhantes, a *Men's Health* e *G Magazine*, a primeira destinada ao público heterossexual, e a segunda ao público homossexual. Conforme será demonstrado, as aparentes similaridades entre as revistas citadas escondem grandes diferenças: na capa da revista *Men's Health* opera, principalmente, o princípio de castração, ao passo que no frontispício da *G Magazine*, sobressai-se a dimensão do objeto *a*.

PALAVRAS-CHAVE

Capas de revista, psicanálise aplicada, homossexualidade, heterossexualidade.

NOTA INTRODUTÓRIA

Dentre todos os campos do saber relacionados às humanidades, com exceção da linguística que, evidentemente trabalha com e sobre a linguagem verbal, a psicanálise é aquela que não pode, de modo algum, dispensar de suas indagações as questões da linguagem e dos processos sógnicos (Santaella, 2000).

É a partir da fala de Lucia Santaella, renomada semiótica brasileira cujos estudos psicanalíticos iniciaram-se na década de 1980, que se defende a pertinência do trabalho aqui apresentado ao campo semiótico e, deste modo, à comunicação (Thayer apud Nöth, 1990: 168). No decorrer do texto, conceitos oriundos da abordagem freudo-lacanianiana serão empregados para dissecar elementos verbo-visuais presentes em capas de revista, no intento de desnudar alguns sentidos, quem sabe, lidos apenas pelo inconsciente. Não se trata unicamente de examinar “objeto da área”, mas, sobretudo, de observá-lo, utilizando-se metodologia raramente explorada, naquilo responsável por torná-lo comunicativo: a sua linguagem. Inspiração no argumento da tradutora e crítica literária Leda Tenório da Motta (2004: 34): devem-se lançar múltiplos olhares – não apenas os sociológicos – sobre as comunicações. Quanto à escolha de Freud e Lacan ao invés de outros autores, mais uma vez, ceda-se a palavra a Santaella (2000):

Embora possam existir cruzamentos da semiótica com outras correntes da psicanálise [distintas da freudo-lacanianiana], nunca serão cruzamentos viscerais, visto que a exclusão ou negligência da linguagem, em qualquer área que seja, psicanalítica ou não, só pode permitir intercâmbios

temáticos e conteudistas que muito pouco oxigenam o centro cardíaco da semiótica, que se localiza muito justamente nas questões de linguagem.

Este não é, por certo, o caso da disciplina aqui evocada, cuja origem recorre à proposta levi-straussiana, e assim ao estruturalismo¹, para fundamentar-se, conforme o próprio Jacques Lacan (1956), na chamada “fase Simbólica”, notícia em *Intervention sur l'exposé de Claude Lévi-Strauss: « Sur les rapports entre la mythologie et le rituel »*, artigo publicado pelo *Bulletin de la Société française de philosophie*. O citado texto, porém, contradiz o binarismo antinômico peculiar à lógica estrutural: Lacan (ibid.) fala em uma “combinaison ternaire”, arranjo triádico necessário à relação entre pares. Já neste momento, o psicanalista deixaria evidente que, apesar de dialogar com variados campos do saber, não poderia ter o seu trabalho reduzido a nenhum deles. A

compreensão da proposta lacaniana exige do leitor um exame cuidadoso do contexto de seu surgimento e posteriores evoluções, bem como das adaptações realizadas (...) na incorporação de (...) ideias linguísticas, filosóficas, antropológicas, lógicas e matemáticas. Tal iniciativa coloca em evidência o trabalho de reelaboração do autor e evita um tipo de preconceito teórico ingênuo, o de que Lacan teria utilizado em sua obra conceitos, símbolos, teorias em seu formato original (Vicenzi, 2009: 33-34).

Basta pensar na leitura feita por importantes nomes dos estudos de gênero na contemporaneidade, a exemplo de Judith Butler (2006: 62), para quem “as alterações radicais do parentesco exigem uma reformulação dos pressupostos estruturalistas da psicanálise”; ou ainda no polêmico livro *Intellectual impostures: postmodern philosophers' abuse of Science* (2003), escrito pelos físicos Alan Sokal e Jean Bricmont para atacar, em tom debochado, supostas imprecisões científicas de autores franceses como Julia Kristeva, Gilles Deleuze e Jacques Lacan. Este último, advoga-se em *Intellectual impostures*, teria levemente usado conceitos matemáticos, principalmente topológicos, para conferir ar de seriedade à sua proposta de “misticismo secular” (ibid.: location 748 of 6506).

Tanto a crítica de Bulter quando a efetuada por Sokal e Bricmont, às quais se poderiam adicionar muitas outras, são improcedentes. Não só Lacan (1990 [1957]) subverteu a proposta saussuriana, base do estruturalismo, ao colocar ênfase no significante, e não no significado, como ainda identificou, entre ambos, uma barreira resistente à significação (cf. Vicenzi, 2009; Nóbrega, 2002; Santaella, 2000). A partir da década de 1960, o psicanalista, então na chamada “fase do Real”, se afastou ainda mais do modelo estrutural e passou a usar a matemática, com bastante originalidade e liberdade, mas também rigor (Melo, 2007), para tratar daquilo que ele chamou no *Seminário VII, A ética na psicanálise* (1990 [1959/1960]), de um desejo baseado no vazio, o ausente, e não nas obrigações sociais – o Simbólico –. Um desejo, pois, cuja descrição através de palavras é impossível.

O escopo do texto aqui apresentado impede que se demore nestas questões, das quais apenas algumas serão tratadas no seu decorrer. Interessa, contudo,

¹ Apesar de aclamado como “pai do estruturalismo”, Lévi Strauss, mesmo em se tratando apenas do movimento estruturalista francês/europeu da década de 1960, é antes de tudo um “filho”: suas formulações são derivadas da linguística estrutural, com destaque aos ensinamentos que lhe foram repassados pelo russo Roman Jakobson, os dos mais influentes linguistas do Século XX (Nöth, 1990: 74; 301).

evidenciar a necessidade de se compreender a teoria freudo-lacanianiana em seus próprios termos, uma espécie de “semiótica do inconsciente”. Desde Freud, palavras como “masculino”, “feminino” ou “falo” designam, antes de entidades palpáveis, lugares lógico-abstratos e fenomenologicamente móveis, variáveis em função de distintos contextos sócio-culturais, e ocupáveis por crianças, homens, mulheres, transgêneros – ou mesmo por objetos – em pé de igualdade (Santos, 2010).

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS (E FUNDAMENTAIS) SOBRE AS CAPAS DE REVISTA A PARTIR DA PSICANÁLISE

Informa Heberle (2004: 91) que “a *capa* funciona como uma das mais importantes *propagandas* da *revista*”². De aparência trivial, esse diminuto enunciado, em verdade, resguarda importantes pontos para análise, elementos aos quais breve exame etimológico substantival³ traz primeiros esclarecimentos. Inicie-se pela palavra “propaganda”, do latim *propagare*, precisamente, o ato de “enterrar o rebento de uma planta no solo” (Sant’Anna, 2002: 75), isto é, o processo de “implantar, de incluir uma ideia (...) na mente alheia” (ibid.). Já “capa”, do latim tardio *cappa*, significa proteção, aparência, pretexto (Houaiss e Salles, 2003: 121; Michaelis, 2010.); por fim, “revista”, substantivo feminino de revisto, designa a ação ou efeito de revistar, de fazer nova inspeção, ou ainda a feitura de exame minucioso (Houaiss e Salles, 2003: 591; Michaelis, 2010).

Tem-se, portanto, evocando-se a citada passagem de Heberle e o breve exame etimológico realizado, que a capa do tipo de publicação aqui abordada se apresenta como lócus destinado à propagação de um conteúdo editorial peculiar, sobre o qual, a posteriori, deverá ser feita uma *revista*, isto é, o exame – e mesmo o reexame – cuidadoso pelo leitor. Tal conteúdo, por certo, não é difundido pela capa de modo inocente, mas sim, ainda segundo sugestão da língua, através de procedimento baseado na ocultação, na criação de disfarces, de textos – ou pretextos – que, longe de apenas antecederem o recheio de uma publicação, servem como [des]culpa – a retirada da culpa – à sua leitura.

Como se sabe, a culpa é um dos principais temas da psicanálise freudo-lacanianiana, e encontra-se intimamente relacionada às noções de pulsão, gozo e desejo, o que, de saída, talvez livre associação, sugere a possibilidade de conexões entre o conteúdo das capas de revista e os referidos conceitos psicanalíticos, conforme será discutido no transcórre desta seção. Antes de prosseguir, todavia, é necessário realizar, ainda que sinteticamente, algumas definições.

1.1 PULSÃO, CULPA, GOZO E DESEJO

Já em suas primeiras obras, Freud procura desvelar os mecanismos de satisfação presentes no homem. É a partir do conceito de pulsão⁴ – *Trieb* –, cunhado em 1895 no texto *Projeto para uma psicologia científica*, que o psicanalista começa a sugerir a existência de forças endógenas responsáveis por excitar – impulsionar – o organismo

2 Grifos dos autores

3 Os substantivos são as estruturas sintáticas responsáveis por designar os seres, ou aquilo que confere substância (o essencial, o principal) aos enunciados.

4 Pulsão, do latim *pulsio*, o ato de impulsionar (Roudinesco e Plon, 1998: 628). Importante referir, também, que o termo “instinto” foi livremente substituído por pulsão em todas as citações realizadas a partir da Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

motora e psiquicamente, instituindo assim a vontade – *Wille* – (Freud, 1988a [1985]: 404; 421). Curioso notar, todo caso, que a língua alemã preserva dois termos: *Trieb* e *Instinkt*. O primeiro, de uso antigo, carrega consigo certa sutileza ou o sentido de “impulsão” – *treiben=impelir* –. Esclarecem Laplanche e Pontalis (1992:394): “(...) a ênfase se coloca menos numa finalidade definida do que numa orientação geral, e sublinha o caráter irreprimível da pressão mais do que a fixidez da meta e do objeto”.

Reformulado no transcorrer do tempo⁵ (1905; 1915; 1917; 1920; 1932; 1938), o conceito de pulsão pode ser dividido em dois momentos principais na literatura freudiana. O primeiro deles encontra-se esquematicamente disposto em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), quando Freud situa a pulsão como fronteira entre o psíquico e o somático⁶, o que, para Rudge (1998: 11), faz do termo um dos mais embaraçosos da psicanálise, dada à sua indefinição. Em verdade, contudo, não há falta de especificidade no postulado freudiano; há, isto sim, a concepção “de uma estimulação que vem do somático e atinge o psíquico, atravessando portanto a fronteira entre o soma e o aparelho psíquico” (Gomes, 2001: 251).

Essa energia fronteira pulsional seria composta por quatro elementos (Freud, 1988b [1915]: 142-143: 1) a pressão, *Drang*, força constante; 2) o alvo, *Ziel*, satisfação, sempre parcial; 3) a fonte, *Quelle*, localizada nas zonas erógenas; 4) e o objeto, *das Objekt*, “aquilo no qual ou através do qual a pulsão pode atingir seu alvo” (Scheinkman, 1995: 24-25), uma variável constante, pois são muitos e diversos os objetos pulsionais.

Plural também é a pulsão, ou as pulsões, divididas por Freud (1988b [1915]: 144), neste momento, em duas categorias: as pulsões de auto-conservação ou auto-preservativas e as sexuais. As primeiras

visam à conservação de si mesmo, e não à reprodução. Já as pulsões sexuais, embora nem sempre estejam diretamente atreladas à reprodução, visam, *em última análise*, à conservação da espécie. É a oposição entre os interesses do indivíduo e os interesses da espécie, portanto, que se reflete na oposição entre pulsões do eu [auto-conservação] e pulsões sexuais (Gomes, 2001: 252).

É apenas em 1920, todavia, em *Além do princípio do prazer*, que Freud chega à conformação final do conceito de pulsão na sua obra: a divisão entre pulsões de vida, tendência à unificação, à constituição de unidades vitais, e de morte, tendência à destruição, na busca da redução completa das tensões. Essas duas forças pulsionais, Eros e Thânatos, respectivamente, seriam extensivas a toda e qualquer matéria viva, extrapolando o domínio do humano. Fazendo uso de um pensamento dialético, no qual a argumentação muda constantemente, o psicanalista austríaco conclui no supracitado texto que as pulsões sexuais e de auto-conservação se encontrariam ligadas a Eros, e as demais pulsões ao impulso destrutivo. Onipresentes e em constante tensão, vida e morte governariam a psique, e não se confundiriam com “bem” e “mal”, versando, conforme esclarece Lacan (1990[1964]: 243) anos depois, sobre dois modos de funcionamento da pulsão, ambos operativos nas veredas do inconsciente.

5 Para uma abordagem detalhada, consultar Gomes (2001), Rudge (1998) e Scheinkman (1995).

6 Formulação essa, é preciso assinalar, já presente em 1905 (1988d: 171): “O conceito de pulsão é um dos que se situam na fronteira entre o psíquico e o físico”, define Freud.

Definida a pulsão, pode-se, agora, avançar aos conceitos de culpa, gozo e desejo. Do texto *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909) ao escrito *O mal-estar na civilização* (1929), Freud desenvolve a ideia da existência de uma culpa remanescente aos primórdios civilizatórios, um sentimento manifesto em sensações como as de remorso, auto-censura e angústia.

Em *Totem e Tabu*, publicado em 1913 – segundo Lacan (1990 [1959/1960]: 216), o único mito moderno –, a literatura freudiana decreta a gênese civilizatória como produto de dois crimes, o incesto e o parricídio, e assim atrela o nascimento da cultura à instauração de um sentimento inconsciente de culpa: o pai animalesco que gozava sem limites e exclusivamente de todas as mulheres é morto por seus filhos e, “paradoxalmente ao que se esperava, instaura-se a lei. Os filhos sofrem uma interdição de incesto definitiva” (Tolipan, 1992: 210), pois “a morte do Pai primeiro não abre a via para o gozo que sua presença suposta interditava, mas, pelo contrário, reforça a interdição” (ibid.).

Não por acaso, em 1929, Freud (apud Gaspar, 2007: 47) “define o mal-estar como sendo essencialmente sensação de culpa e o caracteriza como o maior entrave ao projeto civilizatório”, traduzido, sobretudo, na angústia (Freud, 1988d [1929]) diante da submissão à autoridade externa, essa última oriunda não da história individual, mas do contexto coletivo que, em verdade, terminaria por violentar o homem, ao excluir suas facetas não absorvíveis pela sociedade.

Compreensível, pois, que ao introduzir a noção de gozo no Seminário da Ética, Lacan (1990 [1959/1960]: 205-218) inicie sua argumentação falando sobre a morte de Deus – a lei. Gozar seria o ato de satisfazer uma pulsão (ibid.), transgredindo-se, logo, o interditado: “tudo que é proibido torna-se altamente cobiçado e atraente. Basta vislumbrar uma transgressão para que a experiência, por si só, seja excitante (...) – porque goza-se na transgressão –” (Tolipan 1992: 210).

Posteriormente, Lacan (1990 [1972-1973]) sistematiza suas ideias sobre o gozo, até então dispersas por vários seminários, e estabelece a seguinte categorização dos estados do gozar: o gozo fálico, o mais-gozar e o gozo do Outro. O gozo fálico corresponde à energia dissipada durante a descarga de uma pulsão, produtora de um alívio parcial, pois, como observara Freud (1988b [1915]: 142-143) anteriormente, a pressão, “Drang”, é intermitente, enquanto o alvo, “Ziel”, conduz à satisfação incompleta; o mais-gozar, “plus-de-jour”, por sua vez, reporta-se ao gozo que fica retido no sistema psíquico após o gozo fálico, ou seja, à energia não descarregada, que aumenta crescentemente a tensão interna, concentrando-se nas zonas erógenas; finalmente, o gozo do Outro indica um estado hipotético em que toda tensão é descarregada, sem ser barrada pelo falo⁷ – o objeto que preenche de modo incompleto a falta/falha do Outro –, como miticamente teria experienciado o pai primitivo de “Totem e Tabu”. Essa tríade do gozo matem

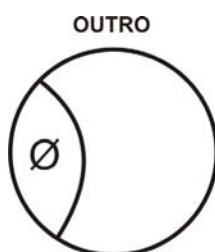
toda uma lógica relativa à pulsão de morte e à pulsão sexual. Pois sendo a pulsão sexual interditada, inconsciente, ela estará necessariamente sob o domínio da significação fálica, e o gozo, por sua vez, também terá

7 “O falo é o significante que marca a origem do gozo, materializada pelos orifícios erógenos [anus, boca...]; marca o obstáculo com que se depara o gozo (recalcamento); marca ainda as exteriorizações do gozo, sob a forma do sintoma, das fantasias ou da ação; e por último descortina o mundo mítico do gozo do Outro” (Nasio, 1993: 31). Trata-se, conforme esclarece Lacan (1998 [1958]: 700), de um significante além da simbolização, imaginação e do Real: “Na doutrina freudiana, o falo não é nem uma fantasia (no sentido de um efeito imaginário), nem um objeto parcial (interno, bom, mau), nem tampouco o órgão real, pênis ou clitóris”.

que passar por aí. É só a partir do significante que podemos traçar o que fica fora dele. O gozo ilimitado, mítico, pertence à pulsão de morte [o desfecho do pai primitivo]. O gozo a que temos acesso é submetido à lei do significante falo, logo responde à pulsão sexual (...) – o que de morte se impõe à vida (Tolipan, 1992: 212).

Desse modo, apresentando-se como refém da linguagem, o gozo passível de ser vivenciado está submetido ao desejo do Outro, à falta normatizada, oriunda do simbólico⁸. Em outras palavras: “o desejo do homem é que o Outro [o simbólico] o deseje” (Lacan apud Fink, 1998: 82), é tornar-se falo, pois o gozo fora do domínio do Outro é a morte, o impossível, a [des]subjetivação. É preciso alienar-se para adentrar na ordem da linguagem, assumindo, assim, o posto de significante, conforme o esquema sugerido por Miller (apud Fink, 1998: 75):

Figura 1



Tal qual pode ser acima observado, o sujeito, dominado pelo véu da alienação, é reproduzido por um conjunto vazio \emptyset , destituído de elementos, à espera de ser absorvido pelo simbólico e passar a ter poder representativo, convertendo-se em elemento integrante da ordem de significados. Assim, pode-se dizer que “enquanto desejante, o sujeito é, em primeiro lugar e antes de mais nada, objeto” (Pujó, 2001: 27), pois é “na demanda endereçada ao Outro que circula o desejo, escamoteado, escondido, disfarçado na enunciação e nos intervalos do enunciado, nas pausas, nas exclamações e reticências” (Dias, 2006: 403). Logo,

a construção do sujeito se dá pela exterioridade – seja pela marca, aquém ainda das identificações, seja pela organização da imagem própria, surgimento do eu. Não havendo resposta em si mesmo, é no Outro que encontra seu desejo (‘desejo do homem, desejo do Outro’), do Outro marcam-se as constelações significantes que fazem história e faz a história do sujeito – exterioridade íntima, extimidade (Chalhub, 2001: 20-21).

8 “O termo Simbólico (S) aparece na obra de Lacan conectado a outros dois, Real (R) e Imaginário (I). Essa tríade, ou melhor, seu entrelaçamento, constitui as formas de representação dos registros psíquicos, uma estrutura ordenada do seguinte modo pelo psicanalista ao final de seus estudos, após a década de 1970: R.S.I.; até então, Lacan adotava como padrão a disposição S.I.R., que enfatizava o Simbólico. Considerando a complexidade de tais registros, será feita, agora, uma tentativa de simplificação de suas conceituações, apenas para situar o leitor. Pelo Real, pode-se entender o universo do desejo inconsciente, assim como tudo aquilo localizado para além do pensamento subjetivo, da razão; no Imaginário, território da imagem, situam-se todos os fenômenos imbricados na construção do eu, como o Estádio do Espelho; por fim, na esfera do Simbólico, termo extraído da antropologia, Lacan posiciona o sistema de representações baseado na linguagem, que determina o sujeito independentemente de sua vontade” (Roudinesco e Plon apud Santos, 2008: 39).

O homem, então, nada sabe sobre o seu desejo, a não ser o que lhe é revelado pelo Outro, responsável por mover o interesse libidinal – a energia das pulsões sexuais (Fulgêncio, 2002: 102) – em direção ao exterior subjetivo, à “fala de outras pessoas” (Fink, 1998: 27), ao gozo fálico, pois “o falo [surge] como significante de um gozo legalizado” (Baptista, 2003). Há, todavia, um resto, uma sobra que se constitui no tema lacaniano por excelência: o gozo-objeto, ou o objeto *a*, perdido, não simbolizável, residual [o mais-gozar acumulado], marcado “pelo significante da falta no Outro, (...) [e que] vem [a] funcionar no lugar onde a existência do Outro falha” (Vieira, 1992: 37).

É através do objeto *a* que Lacan progressivamente migra de sua fase simbólica, onde as marcas estruturais são mais evidentes, para uma ênfase no registro do Real. A partir deste momento, o psicanalista francês passará a trabalhar a tese de que a falta não indica a ausência de um objeto originário: ela é a causa do desejo. Tal concepção está enraizada na coisa – “das Ding” – freudiana, que aparece como o conceito de algo inapreensível pela linguagem no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1988e [1985]). Para os fins aqui almejados, o objeto *a* pode ter o seu entendimento simplificado no que segue:

O objeto *a* é o conceito lacaniano que aponta e nomeia o retorno no real do gozo esvaziado da coisa pela lei simbólica. É um objeto sem substância, a não ser de gozo, substância (...) que não pode ser apreendida pela sensibilidade ou pela razão, podendo apenas se experimentada pelo sujeito do desejo. É no dizer de Lacan a sombra de uma sombra.

No entanto, ‘para que os objetos do mundo sensível possam ser conotados como objeto *a*, eles devem ter seu valor, devem tornar-se objetos preciosos’. É em função desse valor do objeto que Lacan resgata do ‘Banquete de Platão’ a noção de *agalma* – objeto precioso. O objeto *a* tem então sua face agalmática, além de poder ter a face de estranho ou hostil. (Santoro, 2006: 65)

O objeto *a*, cujo “a” origina-se exatamente de “agalma” (Cesarotto, 2001: 94), designa, portanto, ao mesmo tempo algo valioso e assustador. Sua preciosidade reside no fato de que ele é a raiz do desejo; sua face de horror indica que este desejo nasce fora simbólico, isto é, da coletividade. Em outras palavras,

o significante do desejo não é a mesma coisa que a causa do desejo. A causa do desejo permanece além da significação, insignificável. Na teoria psicanalítica lacaniana, o termo ‘objeto *a*’ é obviamente um significante que significa o desejo do Outro na medida em que ele serve de causa ao desejo do sujeito; mas o objeto *a*, visto como exercendo um papel ‘fora da teoria’, isto é, como real, não significa nada: ele é o desejo do Outro, ele é a capacidade de desejar como real, não significado.

O falo, por outro lado, nunca é nada exceto um significante: na teoria, assim como na linguagem cotidiana, ele é o significante do desejo. O objeto *a* é então a causa real e indizível do desejo [porque o significante tem sempre uma perda, não se consegue dizer tudo], enquanto o falo é ‘o nome do desejo’ e, portanto, pronunciável (Fink, 1998: 129)⁹.

9 Grifos dos autores.

As ideias introduzidas nesta seção podem ser assim sumarizadas:

1. Miticamente, o homem teria vivenciado o gozo absoluto, sem barreiras – o que Lacan nomeia por gozo do Outro –, caracterizado na literatura freudiana como pulsão de morte, o repouso do desejo saciado em sua integridade;
2. o advento da vida coletiva, por sua vez, acaba por impor um limite ao gozo, estabelecendo que só se pode gozar a partir de um significante socialmente estabelecido, o falo;
3. esse gozo normatizado, fálico, não é capaz de representar toda a energia acumulada na psique, pois os objetos ofertados para se atingir o alvo da pulsão – a satisfação completa, morte – são sempre parciais, oriundos da união, da linguagem, pulsão de vida;
4. por conta disso, uma parcela de energia, o mais gozar, fica retida, designando, ao mesmo tempo, o que falta para atingir o gozo do Outro e o excedente em relação ao gozo fálico: trata-se do objeto *a*;
5. logo, o objeto *a*, ou a tensão acumulada na psique, é a mola propulsora do desejo – de morte, saciedade –, desejo esse parcialmente representado e aplacado pelo gozo fálico.
6. Como sintetiza Freud (1988f [1920]: 56) – entrecortado por Lacan –, “o objetivo de toda vida [gozo fálico] é a morte [gozo do Outro]”, um processo alimentado com a energia do objeto *a*, subtração do possível ao absoluto.

1.2 O INCONSCIENTE NAS CAPAS DE REVISTA

Estabelecidos alguns conceitos psicanalíticos basilares, é hora de voltar às conexões entre as capas de revista e o inconsciente. Recorde-se que, conforme dito na abertura deste escrito, os frontispícios deste tipo de publicação funcionam enquanto [pre]texto, [des]culpa à posterior – e minuciosa – apreciação de um dado conteúdo editorial. Sugere-se, pois, que as capas de revista, em certo grau, sejam uma anterioridade em relação ao texto – linguagem, lei – e, assim, à culpa. Abrem-se, a partir daí, duas possibilidades de interpretação: 1) a capa como lócus do mítico gozo do Outro e a 2) capa entendida enquanto castração, como o corte simbólico necessário ao ingresso social.

No primeiro caso, a ideia presente é a do momento anterior à instauração do mal-estar – a obediência à palavra –, pois a capa precede o texto da revista, reportando-se, em alguma instância, a um lugar outro, do indizível objeto *a*. Na segunda possibilidade interpretativa, a capa é vista como o elemento responsável por conduzir o indivíduo ao texto, transformando o homem em significante pela operação da castração, a qual, segundo Freud (1988g [1926]: 153), “pode ser retratada com base na experiência da perda diária das fezes (...) separadas do corpo, ou com base na perda do seio da mãe no desmame”, isto é, na renúncia, em alguma medida, ao gozo, “que por si só permite à criança conquistar o caminho por onde nela será depositada a primeira inscrição da lei” (Lacan, 1990 [1956-57]: 214), habilitando-a a caminhar nos prazeres do gozo fálico.

Seja como mais gozar, seja como gozo normatizado, atuam na capa, basicamente, três tipos de pulsão: a de saber, *Wisstrieb*, a escópica, *Schautrieb*, e a invocante, despertadas, em todos os casos, pelos elementos verbais e visuais que povoam os frontispícios das revistas.

O escopismo indica a excitação libidinal originada pela via ótica, “paradigmática da pulsão sexual” (Quinet, 2004: 11), compreendida por Freud (1988h [1915]: 150) através do seguinte esquema:

- a) Olhar, como atividade dirigida a um objeto estranho (*Objekt*).
- b) Abandono do objeto, reversão da pulsão de olhar para uma parte do próprio corpo; inversão em passividade e instauração de um novo alvo: ser olhado.
- c) Introdução de um novo sujeito (*ein neues Subjekt*) a quem o sujeito se mostra para ser olhado por ele.

Isso implica em um jogo de atividade – observador, voyeurista – e passividade – observado, exibicionista; de um lado, o prazer de olhar; do outro, o de mostrar-se. ‘O que podemos extrair disso é que o objeto em questão é o objeto narcísico¹⁰: o próprio corpo’ (Scheinkman, 1995: 88), a capacidade de amar a si mesmo através das imagens onde o eu se projeta para construir-se (Nasio, 1995: 25,31). Mas enquanto Freud deixa-se dominar por esse dualismo – sujeito e objeto do olhar -, Lacan subverte a gramática e trabalha no plano da ‘montagem’ pulsional, enfatizando seu terceiro tempo, a introdução do ‘novo sujeito’, quando ‘o olhar passa a ter um outro estatuto de objeto, assim inaugurando o nascimento do sujeito’ (Santos, 2008: 49).

Essa reorganização dos três tempos, das vozes ativa (ver), reflexiva (ver-se) e passiva (ser visto), faz Lacan (apud Quinet, 2004: 82) afirmar “que a atividade da pulsão se encontra no ‘se fazer’: ‘se fazer chupar’ para a pulsão oral (...) e ‘se fazer olhar’ para a pulsão escópica”. O escopismo estaria, portanto, conectado à lógica da Medusa, cuja “visão da cabeça (...) torna o espectador rígido de terror, transformando-o em pedra” (Freud, 1988i [1922]: 329), ao permitir que o sujeito inicial, ativo, seja convertido em objeto, ao ser petrificado.

Já a pulsão invocante – do latim *invocare*, chamamento – ou vociferante reporta-se à voz originada do Outro. Nas palavras de Lacan (apud Vives, 2009: 335), o

objeto *a* está diretamente implicado quando se trata da voz e isso no nível do desejo. Se o desejo do sujeito se funda como desejo do Outro, esse desejo como tal se manifesta no nível da voz. A voz não é somente o objeto causal, mas o instrumento pelo qual se manifesta o desejo do Outro. Esse termo está perfeitamente coerente e constitui, se posso dizer, o ponto culminante em relação aos dois sentidos da demanda, seja ao Outro, seja vinda do Outro.

Basta pensar no *infant* que, rapidamente, substitui o seu grito pela voz materna, a qual “passa a significar esse grito, elevando-o ao estatuto de apelo: o circuito da pulsão invocante pode assim ser descrito entre um ‘ser chamado, chamar e se fazer chamar’” (Paiva, 2009: 25).

¹⁰ Na psicanálise, o conceito de narcisismo se refere a “um modo particular da relação com a sexualidade” (Lê Poulichet, 1995: 47). Na fase do narcisismo primário, de acordo com as postulações freudianas, os órgãos retiram prazer de si próprios (auto-erotismo), ou seja, o corpo busca prazer na própria corporeidade. Com o passar do tempo, inserida num mundo em que não é o epicentro, a ferida narcísica da criança é aberta e ela passa a se empenhar em ser amada pelo outro – narcisismo secundário (ibid.: 48-51). Lacan, por sua vez, traz uma nova perspectiva ao conceito de narcisismo a partir do estádio do espelho como formador do eu, da auto-imagem paranoica, que se reconhece fora, no outro (ibid.: 59).

Nas capas de revista, a pulsão invocante nasce dos elementos verbais que sinestesticamente representam a fala, a voz, e “chamam” o leitor através de um apelo transfigurado em nomenclatura, ou em classificação. Resumidamente, o processo pode ser assim descrito: o Outro convoca o leitor a advir como sujeito, através do “torne-se para fazer-se ouvir”, recurso discursivo comum a diversas publicações.

Por fim, a pulsão de saber é introduzida por Freud em 1905 (1988d: 183), no texto *A sexualidade Infantil*, compreendendo a “atividade [voluntária] que se inscreve na pulsão (...) de investigar” a origem das coisas, no caso, “de onde vêm os bebês” (Freud, 1988c [1905]: 193). O tema é retomado nos escritos *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909), e *Uma lembrança de infância de Leonardo Da Vinci* (1910). O psicanalista austríaco desenvolve a ideia de que a neurose opera como obstáculo ao saber, além de evidenciar o entrelaçamento da pulsão epistemofílica com o escopismo:

o esconder progressivo do corpo que acompanha a civilização também desperta a curiosidade sexual. Esta curiosidade busca completar o objeto sexual revelando suas partes ocultas. Pode, contudo, ser desviado (sublimado) na direção da arte, se seu interesse puder ser deslocado dos órgãos genitais para a forma do corpo como um todo (Freud, 1988c [1905]:158).

Tal qual aponta Quinet (2002: 255), entretanto, deve-se levar em consideração o fato de a *Wisstriebe* não ser uma pulsão propriamente dita, como as demais: “Essa pulsão não pode ser contada entre os componentes pulsionais elementares, nem pode ser classificada como pertencente exclusivamente à sexualidade” (Freud apud Quinet, 2002: 255). Lacan (apud Quinet, 2002: 267) chega ao ponto de negar a existência da pulsão de saber, qualificando-a como uma demanda do Outro: “A criança com seus porquês manifesta o que ela supõe que o Outro gostaria que demandasse. A criança sabe, mas recalca” (Lacan apud Quinet, 2002: 267).

Na capa de revista, a *Wisstriebe* encontra-se manifesta em todos os elementos verbais e visuais que, metonimicamente, fazem menção aos conteúdos dispostos nas páginas de uma edição¹¹. O interior da revista é, parcialmente, revelado ao leitor, despertando-lhe a ânsia pelo prometido conhecimento absoluto a ser folheado, isto é, o domínio ou a atividade associada ao saber (Freud, 1988c [1905]: 183).

Feitas essas explanações gerais e iniciais podemos, agora, proceder à análise do nosso objeto de estudo, as capas das revistas *Men's Health* e *G Magazine*, que serão apresentadas a seguir e posteriormente interpretadas com o auxílio do arcabouço psicanalítico introduzido.

2. O CORPUS – SEM TROCADILHOS

Sabendo-se, conforme até aqui discutido, da importância e função das capas de revista, bem como suas possíveis ligações com o inconsciente, chama a atenção o fato de duas publicações com propostas editoriais distintas – quase antagônicas – usarem a mesma representação, um homem hipertrofiado e seminu, em seus frontispícios: as revistas *Men's Health* e *G Magazine*. A primeira, tiragem mensal, é impressa pelo Grupo Abril, maior empresa brasileira do ramo de editoras. Trata-se de franquia presente em mais de 40 países, destinada ao público heterossexual jovem de alto poder aquisitivo, e anunciada como “a fonte número um de

11 Nota-se como, nas capas de revista, o saber depende da excitação escópica ou invocante para manifestar-se.

informações para e sobre os homens” (menshealth.com, 2012). Entre os assuntos abordados, sexo, moda, finanças, mas, especialmente, alimentação e atividade física. A “Carta do Editor” veiculada em junho de 2008 é bastante ilustrativa:

Nada, nenhum texto, nenhuma imagem, é colocado nestas páginas sem que a gente pense em como elas vão auxiliar você a viver a mil – leia transar mais e melhor; ter um corpo bacana, saudável; construir uma carreira vencedora; ganhar mais autoestima... enfim, conquistar uma vida plena, cheia de energia, comida boa e diversão (Seligman, 2008).

Já a *G Magazine* é a maior publicação brasileira voltada ao homem gay, e exhibe em suas páginas, mensalmente, ensaios de modelos, às vezes artistas ou jogadores de futebol, “não apenas nus, mas expondo suas medidas muito rígidas” (Trevi- san apud Silva, 2003: 51). No seu nascimento, abril de 1997, a revista chamava-se “Bananaloca”, e tinha objetivos prioritariamente mercantilistas, conforme atesta seu editorial: “gay é um público, um mercado representativo pelo seu potencial de consumo” (*Revista Bananaloca*, 2007).

Desentendimentos entre os editores de “Bananaloca” levaram-na rapidamente ao fim. O último número foi publicado em agosto de 1997, quando a revista pas- sou a chamar-se *G Magazine*, herdando de sua antecessora tanto o projeto gráfico quanto a prioridade mercadológica. No ano de 2005, contudo, a agora “G” passou a veicular com regularidade, além das fotos eróticas, textos assinados por escritores e representantes gays, lésbicos, transexuais, soropositivos, bem como reporta- gens sobre saúde, comportamento, estética, moda e “orgulho gay”.

No intuito de se elaborar uma análise comparativa entre as capas das publica- ções mencionadas, escolheu-se debruçar sobre as revistas dos meses de fevereiro, março, abril e maio de 2008, chegando-se ao seguinte corpus:



Figura 2: Revista Men's Health



Figura 3: Revista G Magazine

3. UMA LEITURA PSICANALÍTICA DE *MEN'S HEALTH* E *G MAGAZINE*

3.1 A REVISTA *MEN'S HEALTH*

A primeira coisa que desperta a atenção ao se olhar a revista *Men's Health* é a grande quantidade de elementos verbais e a presença da foto de um homem em tons de cinza. Enquanto as palavras surgem destacadas por cores e/ou por serem escritas em negrito, as fotografias dos modelos, mesmo grandes, perdem o seu impacto visual, quase que se misturando ao fundo da página. Existe, pois, uma predominância da pulsão invocante sobre a pulsão escópica, isto é, do sonoro – representado pela escrita – sobre o visual.

A apreciação dos enunciados de maior destaque revela, ainda, que na invocação de *Men's Health*, sobressai-se, para o leitor, a fase da passividade: o “ser chamado”. Lê-se, e assim ouve-se: “[Ganhe] Músculos fortes já!” (fevereiro); “Perca peso a jato!” (março); “[Tenha a] Barriga firme e forte” (abril); “Coma bem e derrote a pança!” (maio). Nas chamadas menores, a lógica é mantida, como na edição de abril – “Mire e seduza” – e na de março – “Seja uma máquina de sexo” –, ou explicitamente em receituários do tipo “5 lições para virar um chef na cozinha”, presente na edição de fevereiro. Usa-se não só o modo imperativo, e assim a fala em tom de ordem – do Outro –, como isso é feito, em diversos momentos, ao som de um grito exaltado, como indica o uso constante dos pontos de exclamação.

Ao contrário do que ocorre com a pulsão invocante, no escopismo, impõe-se para o leitor a faceta da atividade: os homens das capas de *Men's Health* são homens-estátua, inertes, petrificados pelo olhar daquele que os observa, o voyeur-comprador da revista. Todos estão em tons acinzentados que lembram pedra, monumentos a serem contemplados – e assim desejados – ao modo de um Ideal de Eu, “com o qual o eu se compara, ao qual ele aspira e do qual se esforça por atender a reivindicação de um aperfeiçoamento cada vez mais avançado” (Roudinesco e Plon, 1998: 744-745).

Basta pensar que nas edições de fevereiro, março e abril, nas quais os corpos exibidos estão desnudos, ilustrando a boa forma ordenada pela pulsão invocante, os modelos têm, sempre, olhos edipianamente fechados; são seres castrados. O único modelo que encara o leitor olho no olho, na edição de maio, está devidamente vestido para que se opere a castração e, assim, garanta-se o seu estatuto de objeto. É preciso lembrar, contudo, que “segundo a interpretação freudiana, a transformação em pedra daquele que cruza o olhar da Medusa equivale à ereção do pênis” (Quinet, 2004: 93). Isso conduz a pensar que o leitor de *Men's Health* seja, em alguma medida, igualado à Gorgó, e desse modo ao sexo castrador da mulher, fonte de horror, mas também de excitação.

Há, aí, um dado curioso – espantoso, até: a partir da última interpretação sugerida, apesar de estar localizado no campo da atividade escópica, o homem heterossexual comprador de *Men's Health* é identificado com o pólo da falta, ou seja, o feminino castrado. A articulação proposta é complexa: aquele que lê *Men's Health* só pode petrificar, e assim castrar o varão musculoso da capa, por estar “no mesmo lugar que a falta do pênis da mulher: (a/-)” (Quinet, 2004: 94).

Deve-se pontuar, todavia, que as expressões dos modelos da capa são sempre de felicidade/alegria, e não do horror gorgônio correlato ao medo da castração. Esse é um elemento atenuador da identificação do leitor da revista com o pólo da falta, o qual, quem sabe, contribua para tradução, sobretudo em

um plano mais superficial e imediato, dos homens petrificados no frontispício de *Men's Health* como Ideais de Eu, ao invés de criaturas excitadas por aquele ser faltoso que as observa.

Cumprido destacar, ainda, o fato de que enquanto os modelos masculinos estão petrificados, os femininos, sempre menores, são dotados de cor e pouca roupa, e assim de libido – afinal de contas, *Men's Health* é, oficialmente, uma publicação destinada, conforme anteriormente citado, ao público heterossexual. Duas das mulheres retratadas, nas edições de fevereiro e abril, chegam, inclusive, a encarar visualmente o leitor, anunciando um flerte. Dada, entretanto, a pouca importância conferida especialmente às fotos das mulheres, pode-se concluir que a capa da revista em questão não tenha como objetivo principal despertar a libido dos seus leitores; trata-se, majoritariamente, de um veículo prescritivo, no qual a invocação do Outro normatiza. *Men's Health* não versa sobre sexo, mas sobre como o sexo deve ser feito, e isso vale para os demais assuntos – boa forma, saúde... – abordados pela publicação.

Esse caráter ditatório de *Men's Health* revela, em última análise, a instauração da *Wisstrieb*, a pulsão demanda do Outro. Ao modo de um Comandante Militar, a revista, que chega a se apossar do campo semântico belicoso, em expressões a exemplo de “derrotar” ou “mirar”, determina os porquês demandados pelos seus soldados-rasos-leitores. “Derrotar quem e como?”; “Mirar onde e para quê?”, questiona o obediente comprador da publicação, epistemofílicamente ansioso por avançar do conhecimento parcialmente revelado pela capa ao saber completo, e assim à conquista do desejo do Outro.

3.2 A REVISTA G MAGAZINE

A *G Magazine* é uma revista para os olhos. As fotos dos modelos que estampam as capas não deixam dúvidas: centralizadas, ocupam quase todo o espaço disponível. Trata-se, inevitavelmente, de um *topos* destinado aos prazeres do escopismo, o objetificar e ser objetificado háptico sinestésicamente permitido pela via ótica.

Em uma primeira mirada, os rapazes de *G* sugerem passividade. Parecem aguardar inertes, com seus corpos musculosos e bronzeados, um pedido por ação. A nudez está sempre a um passo de completar-se: as mãos meio que titubeiam em arrancar o pouco que resta das roupas, quase solicitando a ajuda do observador, convocando-o ao encontro carnal-genital. “Agarre-me!”, “Possua-me!”, pedem visualmente Cláudio, Daniel, André e Donato, ao estilo de garotos de programa objeto. O preço para seguir com os clientes-leitores – ou clientes-voyeurs – até em casa? “R\$11,90”, estampa-se sem fazer muito alarde.

Um *olhar* mais demorado, no entanto, revela que o objeto escópico da revista *G Magazine* não são os modelos, mas sim o leitor-observador, em verdade, observado. Os olhos dos garotos da capa cravam-se como punhais em quem os fita, sem tergiversar. A paquera é instituída, e na selva sexual darwiniana de *G*, para parafrasear Camille Paglia, as presas não estão impressas. André, tórax da edição de abril, impõe nada discretamente seu estatuto de não-objeto: câmera de vídeo nas mãos – um olho fálico –, sorriso sacana no rosto, traveste-se de diretor do enredo de luxúrias a ser protagonizado pelo leitor-exibicionista, talvez em sua companhia.

O ciclo pulsional escópico completa-se: o comprador de *G Magazine*, ao apontar seu olhar para capa da revista, é encarado pelos modelos-medusa impressos em cada edição, revertendo-se em alvo, permitindo, a partir de então, a emergência de *ein neues Subjekt*, aquilo que está além do alcance dos olhos: onde a visão falha,

o olhar nasce, e com ele aflora o perigoso – e delicioso – *objeto a*. Mais-gozar em estado puro, tanto quanto a psique consiga suportar.

Analisados os componentes visuais, é tempo de seguir aos sonoros. Cumpre, de início, mais uma vez citar Paglia (1999: 32), lembrando que, não raramente, “as palavras nada revelam, mas ocultam”, disfarçando a atração sexual. Talvez por isto, em *G Magazine*, o verbal, quando contraposto ao visual, pareça tímido, afinal, a publicação é de cunho erótico. Na chamada de fevereiro, lê-se – ou ouve-se: “Cláudio Andrade. Um morenaço das novelas globais”; em março, a revista anuncia: “Daniel Coelho: a sedução de um playboy”; em abril, o som principal de *G* é “Muita luxúria com o modelo André Morais, novo astro do pornô nacional”; finalmente, a capa da edição de maio verbaliza: “Donato: dos 18... Aos 28”.

Em todos os casos, o tom beira o informativo, e os enunciados descrevem os principais *encantos* dos modelos estampados nas capas. Diretamente, o Outro nada ordenaria aquele que escuta sua voz, ausentando-se de *G Magazine* o modo imperativo. Uma escuta mais apurada, todavia, é capaz de descortinar palavras que só surgem ao inconsciente, pois onde há *encantamento* sonoro, emerge a invocação do canto da sereia homossexual-erótica de *G*: “aqui estão um ator global, um playboy sedutor, um astro pornô e um jovem ‘bem dotado’; possua-os – seja possuído – por cada um deles; excite-se e excite-os”. A ordem do dia e da noite, para o ouvinte da revista, é o ato sexual.

Nos sons secundários, as edições de abril e maio parecem manter a aparente “neutralidade” das chamadas principais, em frases como “Lolitos *G* – Carlos Branco” (abril) e “Marcelo BBB8 sem rótulos” (maio). As edições anteriores, contudo, explicitam a face autoritária de *G*: “Garanta um corpão sem puxar peso” (fevereiro), ou “Moda: os looks que você vai usar no inverno” (março), são alguns dos exemplos de título. Emerge, aqui, e secundariamente, o saber pulsional, materializado verbalmente pela mistura, velada ou não, do imperativo com o interrogativo. É uma espécie de “pergunte-me como” ficar musculoso, se vestir, e assim por diante.

Um último ponto a ser destacado no plano verbal-sonoro é a frase “Desaconselhável para menores e adolescentes. Conteúdo erótico”, presente em todas as edições. A sentença, sempre disposta de modo discreto, mas perceptível, de um lado inaugura o gozo fálico para maiores de idade; do outro lado, em sendo barreira, institui o proibido e doce sabor da transgressão – gozo do Outro – aos que têm menos de 18 anos. Converte-se, simbolicamente, o conteúdo das páginas de *G Magazine* em território de morte.

3.3 *MEN'S HEALTH X G MAGAZINE*: EFEITOS GERAIS

Na revista *Men's Health*, predomina a invocação em tom prescritivo. O leitor, portanto, assume a posição feminina, da falta. O plano escópico, em alguma medida, reforça tal condição: a imagem principal é a de um varão musculoso e feliz, petrificado – e assim excitado – pelo ser faltoso que o observa. Há um destaque para o sentido de castração, cujo efeito imediato é a emergência da *Wisstrieb*, a pulsão demanda do Outro.

Em *G Magazine*, o escopismo é privilegiado. Existe a exploração da atividade e passividade, dando-se, em alguma medida, abertura para a emergência do *olhar*, isto é, do *objeto a*, pois o ciclo pulsional está potencialmente apto a completar-se. A normatização do desejo surge secundarizada na pulsão vociferante, traduzida

pelos enunciados verbais encontrados nas capas. Destaque para a frase “Desaconselhável para menores e adolescentes. Conteúdo erótico”, destoante das demais aparições da invocação: neste caso, além do legaliforme, cria-se, ao instituir-se a lei, uma possibilidade clara de transgressão e, por consequência, uma porta para o gozo de morte dos menores de idade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na revista *Men's Health*, sobressai-se a ambiguidade. Os modelos cinzas, sorridentes e petrificados, não encaram o leitor, ou vestem-se para fazê-lo. São pedra, estão castrados pelo ser feminino que os observa – o verdadeiro castrado –, sem, contudo, esboçarem horror. A falsa atividade visualmente sugerida é sonoramente explicitada, por meio do imperativo do Outro revelado nos enunciados verbais. Talvez por isso, a *Wisstriebe*, pulsão demanda do Outro, *falsa* pulsão, se faça tão clara. Através de uma castração gritante, mas visualmente velada – ou parcialmente velada –, o leitor heterossexual é habilitado – [des]culpado – a observar outro homem no plano do desejo, sem que isto afete, conscientemente, a sua virilidade. Quem sabe seja um desejo de *ideal de Eu*, nem por isto menos sexual (Nasio, 1995: 18-22).

G Magazine privilegia por intermédio da pulsão escópica a emergência do objeto *a*. A atividade inicial do comprador-observador da publicação é revertida em passividade: os modelos das capas, distantes de meros objetos de contemplação, seres estáticos, estão prontos para ação, isto é, para objetificar. Quando o “sexo-joia” está iluminado na vitrine, “sem precisar ser imaginado pelo espectador, jamais objeto segundo’ como a joia na vitrine da loja” (Barthes apud Rodrigues, 2010: 9), um *Real*, o ciclo pulsional está apto a fechar-se e, na media do suportável, impulsionar a revelação do sujeito não-castrado.

No nível inconsciente, portanto, o leitor – ouvinte e observador – da revista heterossexual é potencialmente “mais castrado” que o da publicação homossexual. Em *Men's Health*, ouvem-se gritos de ordem e veem-se imagens que indicam um expectador feminino, faltoso; *G Magazine*, apesar dos sussurros prescritivos, é território escópico do *objeto a*.

5. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos pareceristas deste artigo, cujos comentários foram imprescindíveis à finalização do texto aqui publicado, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo financiamento. //

REFERÊNCIAS

Bananaloca (1997) São Paulo, ano I, abril.

Baptista, V. (2003) ‘Amar, Cuidar, Subjetivar: Implicações na Primeira Infância’, *Estilos clin.* 8 (15). Disponível em: [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000200005&lng=pt&nrm=iso]. Acesso em: 16/02/2010.

Butler, J. (2006) *Défaire le Genre*, Paris: Éditions Amsterdam.

- Chalhub, S. (2001) 'O Inconsciente é o Discurso do Outro' in Cesarotto, O. (ed.) *Idéias de Lacan*, São Paulo: Iluminuras.
- Fink, B. (1998) *O Sujeito Lacaniano: entre a Linguagem e o Gozo*. Trad. Maria de Lourdes Sette Câmara, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Freud, S. (1988a [1895]) *Projeto de uma Psicologia Científica*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988b [1915]) *Pulsões e Destinos da Pulsão*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988c [1905]) *A Sexualidade Infantil*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988d [1929]) *O Mal-Estar na Civilização*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988e [1922]) *O Tabu da Virgindade*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988f [1922]) *Além do Princípio do Prazer*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988g [1922]) *A Questão da Análise Leiga*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988h [1907]) *O Esclarecimento Sexual da Criança*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988i [1922]) *A Cabeça de Medusa*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago.
- Fulgêncio, L. (2002) 'A Teoria da Libido em Freud como Hipótese Especulativa', *Ágora*, 5 (1). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000100008. Acesso em: 09/09/2010.
- Furtado, P. (2008) 'Moral, Sociedade e Mídia Impressa: Reflexões sobre os Discursos do Caderno "Turbinar o seu prazer! O Guia MH de Sexo e Relacionamento"', *Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*.
- Gaspar, T. (2007) 'O Sentimento de Culpa e a Ética em Psicanálise', *Psychê*, 20. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-11382007000100004&script=sci_arttext. Acesso em 25/12/2010.
- Gomes, Gilberto (2001) 'Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb', *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3).
- Heberle, V. (2004) 'Revistas para Mulheres no Século 21: Ainda uma Prática Discursiva de Consolidação ou de Renovação de Idéias?', *Linguagem em (Dis)curso*, 4.
- Houaiss, A. & Villar, S. (2003) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lacan, J. (1990 [1959-60]) *A Ética da Psicanálise*. *Seminário VII*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Lacan, J. (1956) 'Intervention sur l'Exposé de Claude Lévi-Strauss: «Sur les Rapports entre la Mythologie et le Rituel»'. Disponível em: www.ecole-lacanianne.net/.../1956-05-26.doc. Acesso em: 29/02/2012.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1992) *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen, São Paulo: Martins Fontes.
- Lê Poulichet, S. (1995) 'O Narcisismo' in Nasio, J. (ed.) *Lições sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Menshealth.com. Disponível em: www.menshealth.com. Acesso em: 01/03/2012.
- Melo, M. (2007) *Lacan e a Topologia: um Retrato da Matemática sob o Olhar da Psicanálise Lacaniana*. Mestrado em História da Ciência e das Técnicas e Epistemologia. Programa de Engenharia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (2010). Disponível em: [<http://michaelis.uol.com.br/>]. Acessado em 03/02/2010.
- Motta, L. (2004) *Literatura e Contracomunicação*, São Paulo: Unimarco.
- Nasio, J. (1993) *Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Nasio, J. (1995) *Lições sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Nóbrega, M. (2002) 'Lacan e a Linguística Saussuriana: um Tiro que Errou o Alvo, mas Acertou na Mosca?' in Schäffer, M., Flores S. V. e Barbisan, L. B. (eds.) *Aventuras do Sentido: Psicanálise e Linguística*, Porto Alegre: Edipucrs.
- Nöth, W. (1990) *Handbook of Semiotics*, Bloomington e Indianapolis: Indiana University.
- Paiva, A. (2009) 'Pulsão Invocante e Constituição de Sociabilidades Clementes: Notas Etnográficas sobre Karaoke numa Sauna em Fortaleza' in *Anais do 33º. Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, Minas Gerais.
- Paglia, C. (1999). *Os Pássaros*. Tradução de Jussara Simões, Rio de Janeiro: Rocco.
- Pujó, M. (2001). 'O Desejo é o Desejo do Outro' in Cesarotto, O. (ed.) *Idéias de Lacan*, São Paulo: Iluminuras.
- Quinet, A. (2004). *Um Olhar a Mais: Ver e Ser Visto na Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Rodrigues, G. (2010). 'O Sexo como Discurso: um Corpus de Corpos', *Semeiosis – Semiótica e Transdisciplinaridade em Revista*. Disponível em: [http://www.semeiosis.com.br/wp-content/uploads/2010/08/RODRIGUES,_Gabriel_de_Oliveira._O_sexos_como_discurso1.pdf]. Acesso em: 22/10/2010.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise*. Trads. Vera Ribeiro, Lucy Magalhaes, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Rudge, A. (1998) *Pulsão e Linguagem: Esboço de uma Concepção Psicanalítica do Ato*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Santaella, L. (2000) 'Semiótica e Psicanálise: Pontos de Partida', *Psicanálise, Clínica da Cultura*. Disponível em [http://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/18_rev_semiotica_01.htm]. Acesso em: 08/11/2007.
- Sant'Anna, A. (2002) *Propaganda: Teoria, Técnica e Prática*, São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Santoro, V. (2006) 'Clínica Psicanalítica e Ética', *Reverso*, 28 (53). Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-73952006000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01/03/2012.
- Santos, M. (2008) *Hipertrofia da Visão – Inflação do Imaginário: um Estudo Empírico da Produção e Recepção de Sentidos pelo Corpo da Mulher Cega numa Sociedade Escopofílica*. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica, PUC-SP.
- Santos, M. (2010) 'Semiótica do Feminino Freudiano: uma Mudança de Hábito', *Psicanálise e Barroco em Revista*, 8. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/16/P&Brev16Santos.pdf>. Acesso em 28/02/2012.
- Seligman, A. (2008) *Carta do Editor: A Maior Redação do Brasil*. Disponível em: <http://menshealth.abril.com.br/carta-do-editor/carta-do-editor/a-maior-redacao-do-brasil/>. Acesso em: 01/03/2012.
- Silva, E. (2003) *Transgressão e Felicidade: uma Abordagem Temática Homossexual a Partir das Cartas dos Leitores Envidas à Revista G Magazine*. Mestrado em Comunicação. Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília.
- Scheinkman, D. (1995) *Da Pulsão Escópica ao Olhar: um Percurso, uma Esquize*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago.
- Sokal, A. e Bricmont, J. (2003) *Intellectual Impostures: Postmodern Philosophers' Abuse of Science*. Versão digital do Kindle.
- Tolipan (1992). 'Pulsão e Gozo', *Revista da Escola Letra Freudiana – Ano XI*, números 10,11,12.
- Vicenzi, E. (2009) 'Psicanálise e Linguística Estrutural: as Relações entre as Concepções de Linguagem e de Significação de Saussure e Lacan', *Ágora*, 12. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982009000100002&script=sci_arttext Acesso em: 27/02/2012.
- Vieira, C. (1992) 'O Estatuto do Objeto na Psicanálise', *Revista da Escola Letra Freudiana – Ano XI*, números 10, 11, 12.
- Vives, M. (2009) 'Para Introduzir a Questão da Pulsão Invocante', *Rev. Latinoam. Psicopat.*, 12(2).